

23

MINUTOS
NO INFERNO

BILL WIESE

23
MINUTOS
NO INFERNO

**A história real do homem que viu,
ouviu e sentiu o lugar do tormento**

**Tradução de
Omar Alves de Souza**



THOMAS NELSON BRASIL

**Rio de Janeiro
2008**

Título original: *23 minutes in hell*

Copyright © 2006 por Bill Wiese
Edição original por Charisma House. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2008.

Supervisão Editorial
Nataniel dos Santos Gomes
Assistente Editorial
Clarisse de Athayde Costa Cintra
Tradução
Omar de Souza
Capa
W/Brasil
Copidesque
Magda de Oliveira Carlos Cascardo
Revisão
Margarida Seltmann
Cristina Loureiro de Sá Neves Motta
Joanna Barrão Ferreira
Projeto gráfico e diagramação
Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W647v

Wiese, Bill

23 minutos no inferno/Bill Wiese; [tradução de Omar de Souza]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Tradução de: *23 minutes in hell*
ISBN 978-85-6030-389-2

I. Inferno - Cristianismo. 2. Revelações particulares. I. Título.

08-0414.

CDD: 236.25

CDU: 236.4

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso
Rio de Janeiro — RJ — CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Agradecimentos

Minha mais profunda gratidão a...

Meu Senhor Jesus Cristo, que me salvou das profundezas do inferno e abençoou grandemente a minha vida, a quem sou eternamente grato. Obrigado, Senhor, por me conceder o privilégio de compartilhar a tua Palavra e esse testemunho. Minha esposa e eu nos sentimos mais que honrados por fazer parte de tua grande obra.

Holly McClure, por seu entusiasmo inesgotável e apoio constante desde o dia em que Annette e eu tivemos a oportunidade de conhecê-la. Ainda fico impressionado ao lembrar como Deus abençoou aquela primeira entrevista realizada em seu programa de rádio, em 1999. Somos gratos e valorizamos muito sua dedicação, sua experiência, sua amizade e seu compromisso conosco. A capacidade incomum que Deus concede a você de se comunicar com as pessoas e compartilhar a mensagem do evangelho é extraordinária!

Mike Paquette, por seu compromisso inabalável com a realização desta obra e por me ajudar em tantos aspectos relacionados a esse ministério. Você é um amigo do peito, aquele tipo de companheiro que valoriza as palavras “lealdade” e “dedicação”. Para você, “nada é impossível”, e isso é motivo de admiração permanente de nossa parte. Agradeço muito ao Senhor por ter o privilégio de conhecê-lo.

Hal Linhardt, por seu compromisso com o Senhor e por compartilhar esse testemunho com inúmeras pessoas, o que tem resultado em muitas salvações. Obrigado por seu apoio constante e por sua amizade.

Dane Bundy, pela ótima pesquisa bíblica que realizou e por sua atitude de humildade. Obrigado, Dane!

Meu grande amigo Greg, que é quase como um irmão para mim. Valorizo sua amizade, seu apoio e sua integridade mais do que você possa imaginar. Seu caráter e sua ética são exemplares. Ao longo dos anos, a percepção que adquiri a respeito da questão do caráter, a partir dos debates que travávamos, provocou um enorme impacto sobre minha vida. Quando enfrento algumas das provações mais difíceis da vida, lembro-me daquelas discussões.

Meu sogro, Stan, cuja assistência foi inestimável quando precisei lidar com questões relacionadas ao mercado imobiliário e à informática. Sua ótima ética profissional, sua dedicação e sua atitude positiva nos ajudou a encarar muitos desafios e cumprir prazos! Sinto-me orgulhoso por ter um homem tão temente a Deus em minha família.

Muitas outras pessoas que intercederam a nosso favor: nossos familiares e amigos queridos, especialmente Steve e Kelly, Lou e os pastores Raul e Sharon — é impossível colocar em palavras o valor da amizade de vocês. São, de fato, amigos muito especiais.

Por fim, minha esposa Annette, linda e extraordinária, sem a qual escrever este livro seria impossível. As muitas horas que você dedicou à oração, sua fé inabalável, seu compromisso e seu apoio foram inestimáveis. Fui abençoado quando me casei com a melhor mulher que um homem poderia sonhar em ter como companheira. Eu a amarei para sempre, minha honrada senhora.

Meu desejo é de que este livro conduza o leitor a pensar sobre a questão mais importante de toda a sua vida, e que o ajude a tomar a decisão certa.

BILL

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação — Uma mensagem de alerta</i>	13

Parte 1 — MINHA PASSAGEM PELO INFERNO

1. A cela	19
2. O abismo	31
3. O portão	37
4. O retorno	45
5. As confirmações	53
6. Será que as pessoas “boas” vão para o inferno?	67

Parte 2 — A PESQUISA DEPOIS DO RETORNO: PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O INFERNO

7. Aquilo em que você acredita é importante	77
8. Informações importantes a respeito do inferno	89
9. Entendendo o que acontece no inferno	99
10. Lidando com os demônios do inferno	105

<i>Apêndice A — Índice de referências bíblicas</i>	117
<i>Apêndice B — Galeria dos comentários mais famosos sobre o inferno</i>	133
<i>Bibliografia</i>	139
<i>Notas</i>	143

Prefácio

Foram muitos os momentos de minha vida nos quais Deus providenciou pessoas para me transformar e edificar de maneira indelével. Para mim, conhecer Bill Wiese e sua bela esposa, Annette, constituiu um desses “momentos divinos”.

Eu os conheci quando escrevia críticas de cinema para vários veículos de comunicação e tinha um programa de entrevistas no rádio à noite, *Holly McClure Live* [Holly McClure ao Vivo] em San Diego, na Califórnia. Um dia, uma amiga em comum ligou e me recomendou uma entrevista com um homem que participara de um estudo bíblico com ela. Ele havia contado uma história impressionante sobre uma experiência, dada por Deus, que vivera no inferno. Naquela época, eu mesmo produzia o programa, e como estávamos às vésperas do Halloween,¹ achei que conversar com uma pessoa que garantia ter ido ao inferno e visto demônios poderia, no mínimo, render uma entrevista muito interessante.

Depois de concordar em receber Bill no programa sem sequer conhecê-lo, é claro que fiquei preocupada com a história que ele iria contar. Eu não tinha certeza de como os ouvintes reagiriam àquela entrevista. Mas depois de um telefonema, no qual ele descreveu de maneira breve a experiência pela qual passara, logo percebi que Bill estava dizendo a verdade. Havia transparência em seu jeito humilde e na retidão de seu caráter. Com suavidade na voz, ele relatou calmamente sua história angustiante. Quando desliguei, sabia que a mensagem de Bill

resultaria em muito mais do que apenas uma boa entrevista no programa de rádio. Deus tinha um plano poderoso e um propósito ainda desconhecido para nós — não só para aquele momento, mas também para a amizade que viríamos a estabelecer posteriormente.

Abri meu programa fazendo uma sóbria ressalva de que meu convidado e o assunto abordado não se tratavam de piada ou *pegadinha*. Fiz um comentário sobre como a cultura moderna banalizou as discussões sobre o inferno de tal maneira que, com efeito, passamos a usar fantasias diabólicas, máscaras demoníacas e distribuir doces durante o Halloween, segundo feriado de maior movimento no comércio dos Estados Unidos. Disse que a experiência de Bill revelaria um aspecto diferente do inferno, algo terrível, real e permanente, de que os ouvintes nunca haviam ouvido falar antes. Expliquei ainda que o testemunho de Bill provavelmente mudaria a vida deles para sempre. Em seguida, começamos o programa.

Nos sessenta minutos de duração da entrevista, durante os quais Bill revelou sua jornada ao inferno, eu fiquei fascinada e cativada pelos detalhes do relato. Não atendi aos telefonemas. No fim do programa, anunciamos apenas o número do *pager* de Bill, pois ele não havia instituído um ministério. Não tinha *site* na internet, não escrevera nenhum livro. Não havia sequer um telefone para que as pessoas pudessem se comunicar com ele.

Quando terminei o programa, o *pager* de Bill não parava de tocar. “Uma jornada ao inferno” foi um de meus programas mais populares. Durante meses, recebi inúmeros pedidos de cópias da gravação e uma infinidade de telefonemas e mensagens eletrônicas, solicitando que eu repetisse a história de Bill. Foram vários os testemunhos de como sua mensagem mudara a vida das pessoas. Alguns desses relatos estão presentes neste livro.

Quando nós três nos reunimos em meu escritório naquela noite, sabíamos que alguma coisa maravilhosa tinha acabado de acontecer. Todos sentimos a presença de Deus pairando sobre o estúdio durante aquele programa, e tínhamos a certeza de que o Senhor estava operando para transformar o coração, a mente e a vida daqueles que haviam sintonizado a emissora, ainda que por alguns breves momentos. Da mesma maneira, sabíamos que Deus nos unira de modo sobrenatural

para um propósito maior do que simplesmente uma *aparição* em um programa de rádio. Naquela noite, empenhei minha palavra de que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar Bill a publicar sua história.

Tenho trabalhado como crítica de cinema desde o fim dos anos 1980, por isso já resenhei milhares de filmes. Posso assegurar que, assim como há muitas pessoas de fé que pedem a Deus para ajudá-las a escrever ou inserir uma mensagem espiritual nos filmes que produzem, não é difícil imaginar que existam outros tantos roteiristas e artistas especializados em efeitos especiais influenciados pelo reino das trevas. Por essa razão, conseguem representar com fidelidade os demônios e o submundo do inferno. Nossa cultura perdeu a sensibilidade ao ser condicionada a aceitar as várias formas de criaturas demoníacas, paródias de Satanás e vislumbres do inferno. Para ela, tudo não passa de “entretenimento”.

Lembra uma época em que a palavra “inferno” era considerada uma espécie de maldição, quase um palavrão? Minha irmã mais nova, que repetia o que os meninos da vizinhança falavam, teve a boca lavada com sabão só por pronunciar a palavra “inferno”.

Ah, como os tempos mudaram! Hoje em dia, esse termo permeia a nossa sociedade. “Inferno” deixou de ser considerada uma palavra de maldição — nem mesmo é tratada como uma palavra pesada. Firmou-se como parte do linguajar, uma figura de linguagem que penetrou sorrateiramente em nosso vocabulário cotidiano. A televisão e o cinema nos bombardeiam com o uso desse termo, por isso mal percebemos quando alguém o profere. Pare e pense em quantas vezes você costuma ouvir um personagem dizer: “Vá para o inferno!”, ou: “Que inferno isso aqui, hein?” Nem precisa procurar nos filmes, de vez em quando, no meio de uma conversa casual, alguém solta uma frase do tipo: “Que calor infernal, não acha?”

Já que o significado da palavra se diluiu com o tempo, seria importante voltar a observar a verdadeira definição, o impacto e as conseqüências do inferno sendo pregados nos púlpitos de nosso país. No entanto, a mensagem de *O inferno de Dante*, de castigos infernais e ambiente cheirando a enxofre, ensinada anos atrás em várias denominações, deixou de ser um assunto popular nas igrejas *religiosamente corretas* de nossos dias.

Na verdade, o inferno é considerado “negativo demais” para a maioria dos pregadores, que temem assustar suas congregações em pleno processo de crescimento. A idéia de que uma pessoa possa, de fato, passar a eternidade no inferno parece ter sido banida das igrejas, assim como os valores morais.

Embora os Estados Unidos sejam geralmente considerados uma nação cristã, na verdade há um grande contingente de não cristãos e de pessoas que não professam nenhum tipo de fé. Em uma pesquisa realizada recentemente, mais de mil norte-americanos deram sua opinião sobre o conceito de vida eterna, e 67% disseram acreditar que suas almas iriam para o céu ou para o inferno quando morressem, enquanto 24% declararam não crer na existência de nenhuma das duas coisas. É por causa dessa estatística — o percentual de pessoas que não acreditam que o céu e o inferno existem — que me sinto tão engajada no esforço de divulgar a história de Bill. Deus o enviou com uma mensagem de alerta dirigida a você e às pessoas que ama, pois o Senhor não deseja que ninguém passe a eternidade longe dele.

O inferno é uma realidade, mas dizer às pessoas que elas podem ir para lá não é uma tarefa fácil, pois a mensagem é bastante impopular. Deus sabia o que estava fazendo quando concedeu a Bill a dura incumbência de compartilhar seu relato. O Senhor conhece o caráter, a integridade, a fé e a esposa dedicada de Bill, que apóia o marido, intercedendo por ele de uma maneira extraordinária. Deus confiou que seu servo seria capaz de levar a mensagem com fidelidade e guardá-la com honra. Sou uma pessoa abençoada por conhecer Bill e Annette e poder chamá-los de “amigos”. Tenho o privilégio de tomar parte nesse dom extraordinário de Deus.

HOLLY McCLURE

APRESENTAÇÃO

Uma mensagem de alerta

No dia 22 de novembro de 1998, um domingo, minha esposa, Annette, e eu, passamos a noite na casa de um de nossos melhores amigos. Não havia nada fora do comum naquela noite. Voltamos para casa por volta das onze horas. Menos de uma hora depois, já estávamos deitados para dormir, sem saber que minha vida estava por sofrer uma mudança radical por causa de um evento que até hoje tenho dificuldade para explicar.

De repente, às três da manhã do dia 23, sem qualquer aviso, fui arremessado no ar para, em seguida, cair no chão, completamente fora de controle. Meu corpo parou no chão de um lugar que parecia ser a cela de um presídio. As paredes eram feitas de pedra bruta, e havia uma porta aparentemente formada por grossas barras de metal.¹ Eu estava completamente nu, o que intensifica a vulnerabilidade de um prisioneiro. Aquilo não era um sonho; eu estava mesmo naquele lugar estranho. Absolutamente acordado e consciente, não tinha idéia do que havia acontecido, de como tinha sido transportado até ali e do motivo de estar naquela cela. Essa razão só me foi revelada e explicada mais tarde, durante a minha jornada.

A primeira coisa que notei foi a alta temperatura do lugar. Era quente, muito além de qualquer possibilidade de sobrevivência humana. Era de tal forma abrasador que eu me perguntava: “Por que ainda estou vivo? Como posso sobreviver a um calor tão intenso?”² Minha carne poderia se desintegrar do meu corpo a qualquer momento. No entanto, isso não acontecia. Não se tratava de um pesadelo; era realidade. Aquele calor tão rigoroso tinha a propriedade de consumir todas as minhas forças.

Eu ainda não havia me dado conta do que estava acontecendo, mas acabara de ser lançado no inferno.

Se você for como a maioria das pessoas, é provável que tenha aberto este livro por pura curiosidade. Em algum lugar de sua mente devem estar ecoando pensamentos como este: “Será que esse homem realmente foi parar no inferno — inferno mesmo, com todo aquele fogo e tormento?” Ou talvez pense que inventei essa história toda; afinal, ninguém jamais foi ao inferno e voltou para contar como é. Pode ser até que você nem acredite na existência do inferno. Se você acredita literalmente que há um inferno, é possível que só consiga pensar em uma razão para que Deus mande alguém para lá: essa pessoa foi muito má e mereceu tal destino. Não é isso?

Bem, no meu caso, nenhuma dessas alternativas vale. Sim, fui parar no verdadeiro inferno ardente, e não, não teve nada a ver com o fato de eu ser *bonzinho* ou *mau*. O motivo de eu ter sido levado àquele lugar foi o de voltar para trazer uma mensagem de alerta. Minha história não tem o objetivo de condenar ninguém, e sim de informar a você que o inferno é um lugar real. Ele existe. Deus não deseja que ninguém vá para lá. Contudo, a realidade simples e triste é que as pessoas fazem a opção de ir para o inferno o tempo todo.

Hoje em dia, em nossa sociedade, os alertas servem para nos proteger e evitar danos. Eles não são apenas sinais colocados no caminho para nos ajudar, esperamos vê-los presentes em tudo, desde a embalagem de pasta de dente até o anúncio de um imóvel. Por exemplo, no mercado imobiliário, são elaborados contratos que protegem o comprador e expõem a ele todos os fatos relacionados ao imóvel. Na verdade, o comprador ficaria furioso se não recebesse todas as informações necessárias.

Qual é o pai ou a mãe que deixa de alertar os filhos sobre o perigo de brincar em uma rua muito movimentada?

Quando o céu fecha e o vento fica muito forte, procuramos algum canal de notícias na televisão ou na internet que fale sobre riscos de tempestades e enchentes.

Sendo assim, por que nos precipitamos em dizer que Deus é míope ou cruel toda vez que ele nos alerta sobre o que acontecerá se seguirmos pela estrada errada? Isso quando não o acusamos de ser rigoroso demais em seus julgamentos! A verdade é que ele nos alerta porque é um Deus bom, que nos ama e deseja nos ajudar, orientar e proteger. De minha parte, posso dizer que seus alertas costumam ser muito bem-vindos.

Não pedi para passar por aquela experiência. Jamais a desejei. Sou uma pessoa de natureza cautelosa; não me sinto à vontade quando lido com alguma coisa muito radical. No entanto, sou capaz de passar por cima dessa sensação de desconforto, desde que o faça à luz da perspectiva soberana de Deus. Desde então, descobri que minha história coincide com aquilo que as Escrituras relatam em detalhes sobre o inferno. Isso é muito mais importante do que aquilo que tenho a dizer.

A impressão que tive foi a de que minha horrenda jornada havia durado uma eternidade, mas, na verdade, levou menos do que meia hora. Aqueles 23 minutos foram mais que suficientes para me convencer de que nunca mais quero voltar para o inferno, nem mesmo por um minuto. Agora, tenho como propósito na vida revelar aos outros o que vi, ouvi e senti para que todos os leitores desta obra sejam capazes de tomar as medidas necessárias para se manter longe daquele lugar a qualquer custo.

Meu desejo sincero é o de que a leitura deste livro seja o mais perto que você um dia chegue da realidade do inferno.

PARTE I

Minha passagem pelo inferno

CAPÍTULO 1

A cela

Em nosso primeiro aniversário de casamento, Annette e eu viajamos para Carmel, na Califórnia. Tratava-se de um lugar perfeito para festejar, sentados no pequeno cais de um de meus lugares favoritos e olhando os penhascos pitorescos, as árvores e as casas que margeiam o oceano Pacífico, tão azul. O céu matinal, completamente limpo, e as ondas que banhavam a costa forneciam um cenário perfeito para conversar sobre os desejos de nosso coração, nossos objetivos e os sonhos de uma nova vida um ao lado do outro. Comentei com minha esposa: “Este lugar é, provavelmente, o que há de mais parecido com o céu aqui na Terra.” Annette concordou. Ambos tínhamos uma forte sensação de que Deus havia nos unido para cumprir um propósito muito especial.

Ao refletir a respeito da bondade de Deus manifestada em nossa vida, uma palavra resumia a atitude de meu coração: *gratidão*. Eu era um homem muito grato por minha bela esposa e pelo nosso casamento. Desde a primeira vez em que a vi, sabia que era a pessoa certa para minha vida. Sempre a vi como um presente dos céus. Eu era grato por minha saúde, pela minha família, pelas contas pagas, pela provisão financeira e pela paz. Há algo profundamente gratificante nesses momentos em que refletimos e sonhamos. Qual seria o próximo capítulo de nossa vida em comum? Apenas duas semanas depois, sem que pu-

déssemos prever, estaríamos envolvidos em um acontecimento que nos transformaria para sempre.

A JORNADA

Já comentei a respeito do início daquela jornada, em 22 de novembro de 1998. Naquela noite, fui arrancado de minha cama e arremessado no próprio fosso do inferno. Fui parar em uma cela de aproximadamente 4,5 metros de altura, 3 metros de largura e 4,5 metros de comprimento.

Com paredes de rocha bruta e fortes barras de ferro na porta, me sentia como se estivesse em uma área intermediária, um lugar no qual o prisioneiro passaria suas últimas horas antes de enfrentar um destino ainda mais terrível. Isaías 24:22 afirma: “Eles serão arrebanhados como prisioneiros em uma masmorra, trancados em uma *prisão*...” Provérbios 7:27 se refere a “moradas da morte” no inferno.

Lá estava eu, deitado no chão daquela cela e me sentindo muito fraco. Percebi que tinha um corpo que se assemelhava ao atual.¹ Ergui a cabeça e comecei a olhar em volta. Na mesma hora, percebi que não estava sozinho naquela cela. Vi duas feras enormes, diferentes de qualquer coisa que já tinha visto antes.

As criaturas tinham entre 3 e 4 metros de altura.² Aquelas bestas imensas eram muito mais do que atemorizantes. Ser ameaçado por algo maior que você é uma coisa, mas as criaturas dentro da cela eram bem piores. Elas não eram desse mundo natural. Percebi que eram a essência da maldade, e olhavam para mim com puro e absoluto ódio. Fiquei completamente paralisado de medo. “Maldade” e “Terror” estavam diante de mim. Aquelas criaturas constituíam uma manifestação concentrada dessas duas forças.

Eu ainda não tinha idéia de onde me encontrava. Por dentro, estava em pânico. Embora não dispusesse de nenhum ponto de referência, não me identificasse com nada daquilo pelo que estava passando e não entendesse como tinha ido parar ali, ainda assim me vi diante da realidade inimaginável de que uma morte terrível parecia garantida.

As criaturas não eram animais, mas também não eram humanas. A aparência dos monstros gigantes lembrava a de um réptil, só que

em uma forma humanóide. Os braços e as pernas eram desiguais em termos de comprimento, desproporcionais e assimétricos. A primeira tinha saliências e escamas espalhadas por todo o corpo grotesco. Uma enorme mandíbula projetava-se da boca cheia de dentes imensos. Os olhos também eram grandes, cravados na cabeça.⁴

A primeira criatura era muito forte e poderosa, com pernas grossas e pés desconuais. Circulava com fúria pela cela, como se fosse um touro bravo preso na baía, comportando-se como uma fera muito violenta. A segunda besta era mais alta e menos corpulenta. Tinha braços muito longos e barbatanas afiadas como lâminas, que lhe cobriam todo o corpo. De suas mãos saíam garras com cerca de 30 centímetros de comprimento. Seu comportamento parecia diferente do da primeira criatura. Era, certamente, tão diabólica quanto a outra, mas não se agitava.

Não conheço ninguém que tenha conseguido exagerar ao falar do terror do inferno [...] Temos a tendência de tremer e temer, de recuar diante dessa realidade — não por negá-la, mas para fugir e nos refugiar nos braços de Jesus, que morreu para nos salvar do inferno.³

JOHN PIPER

Eu podia ouvir as criaturas conversando entre si. Embora não identificasse que língua era aquela, de alguma maneira conseguia entender o que diziam. Eram impropérios — uma linguagem terrível e cheia de blasfêmia que demonstrava um ódio intenso contra Deus.⁵

De repente, elas começaram a concentrar sua atenção em mim. Pareciam predadores famintos admirando sua vítima. Fui tomado de terror. Como um inseto preso na teia mortal de uma aranha, me senti desamparado, preso em uma armadilha, paralisado de medo. Eu sabia que tinha me tornado o objeto da hostilidade daquelas criaturas, e senti uma presença violenta e demoníaca como nunca experimentara antes, maior que tudo quanto pudesse imaginar. As bestas estavam cheias de um ódio que em muito ultrapassava o pior sentimento que uma pessoa poderia nutrir, e agora aquele ódio estava sendo dirigido a mim. Eu ainda não conseguia identificar o que eram aquelas criaturas, mas sabia que queriam me atingir e causar dano.⁶

Minha vontade era a de levantar e correr desesperadamente. No entanto, quando me vi deitado no chão daquela cela deplorável, descobri

que não tinha força alguma em meu corpo. Mal conseguia me mover. Por que as forças haviam fugido de meu corpo? Eu me sentia completamente indefeso.⁷ Salmo 88:4 diz: “Sou contado entre os que descem à cova; sou como um homem que já não tem forças.”

Eu sabia que aquela fraqueza era mais do que uma sensação física. Na verdade, era fraqueza em todos os sentidos. Eu estava mental e emocionalmente exaurido, embora estivesse ali havia apenas cinco minutos.

Porque nosso Senhor Jesus Cristo não vê o inferno como um lugar “feito para os seres humanos”, mas “feito para o diabo e seus anjos”. Os seres humanos foram feitos para a comunhão com Deus e para a eterna glória do Senhor. O diabo e seus seguidores devem ser banidos para sempre e atirados às trevas exteriores, sem direito a fuga. Essa idéia deve nos encher de horror.⁸

SINCLAIR B. FERGUSON

Muitas pessoas sentem alguma fraqueza e falta de energia depois de chorar muito, de passar por algum tipo de angústia emocional ou de enfrentar o luto. Depois de um processo de cura interior, recuperamos aquela força, embora isso possa levar anos. No entanto, naquele momento, senti que nunca teria a oportunidade de me recuperar do peso que havia caído sobre mim, literalmente: o peso do desespero.

Mais duas criaturas entraram na cela, e tive a sensação de que os quatro monstros haviam sido *incumbidos* de me afligir. Senti-me como se estivesse sendo *julgado*, e que o meu tormento seria a diversão daquelas feras. Assim que entraram na cela, a luz sumiu. Tudo ficou absolutamente escuro como breu. Eu não tinha a menor idéia do motivo daquelas trevas repentinas e tão intensas. Contudo, sentia que a luz antes presente era como uma intrusa, e que o ambiente acabara de voltar ao seu estado normal. Lamentações 3:6 declara: “Fez-me habitar na escuridão como os que há muito morreram.”

Uma das criaturas me ergueu. A força daquela fera era impressionante. Era como se eu tivesse o peso de um copo de água em sua mão. Marcos 5:3,4 descreve assim a força de um homem possuído por um demônio: “... ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com correntes [...] ele arreventara as correntes e quebrara os ferros de seus pés.”

Instintivamente, eu sabia que a criatura que me segurava tinha uma força aproximadamente mil vezes maior do que a de um ser humano. Não consigo explicar como tive aquela percepção.

Em seguida, a criatura atirou-me contra a parede. Caí no chão, destroçado. Achava que cada osso de meu corpo tinha sido quebrado.⁹ Eu sentia dor, mas era como se ela fosse, de alguma maneira, suavizada. Sabia que eu não tinha experimentado seu auge. Pensei: “Como será que isso aconteceu? O que bloqueou a dor?”

Depois, a segunda besta, com suas garras e barbatanas afiadas como lâminas, agarrou-me por trás em um abraço esmagador. Quando me apertou contra o peito, as barbatanas afiadas cortaram minhas costas. Preso em suas garras, eu me sentia como um boneco de pano, em comparação ao tamanho daquela criatura. Em seguida, o monstro me virou e fincou suas garras em mim, rasgando e abrindo meu peito. Minha carne pendia de meu corpo em tiras quando caí mais uma vez no chão da cela.¹⁰

Aquelas criaturas não demonstravam respeito algum pelo corpo humano, por mais notável que tenha sido sua criação. Sempre tomei cuidado com meu bem-estar físico, alimentando-me corretamente, fazendo exercícios e mantendo a forma, mas nada daquilo ajudava, pois meu corpo estava sendo destruído.

Eu sabia que não teria como escapar daquela tortura por meio da morte, pois não tinha sequer essa opção. A morte me consumia, mas não completava sua tarefa. As criaturas pareciam obter um certo prazer do sofrimento e do terror que me infligiam. Salmo 116:3 afirma: “As cordas da morte me envolveram, as angústias do Sheol vieram sobre mim; aflição e tristeza me dominaram.” Ah, como eu ansiava pela morte, mas ela não vinha.

MORTO-VIVO

Implorei por misericórdia, mas eles não se comoveram; não havia a menor compaixão. Eles pareciam incapazes de perdoar. Eram pura maldade. Não havia espaço para a misericórdia naquele ambiente. A compaixão só pode vir do alto, direto de Deus.¹¹

A angústia mental que senti era indescritível. Suplicar pela misericórdia de criaturas tão diabólicas só fazia intensificar o desejo de me atormentarem.

Eu estava ciente de que não saía uma gota sequer de fluido de minhas feridas. Nada de sangue ou água. Nada.¹² Mesmo naquele momento, não conseguia parar de me perguntar o motivo de tudo aquilo.

A realidade do inferno está tão além de nossa experiência que a linguagem humana é incapaz de descrevê-lo adequadamente.¹³

EDWARD DONNELLY

O cheiro horrível que aquelas criaturas exalavam me causava um forte enjôo. Era repugnante, horrível, nojento. Era, com toda a certeza, o pior fedor que eu já havia sentido na vida.¹⁴

Se você fosse capaz de juntar todas as coisas putrefatas que pudesse imaginar, como um cano de esgoto, carne podre, ovos estragados, leite talhado, carne animal em decomposição e enxofre, e depois multiplicasse o fedor por mil, talvez chegasse perto. E isso não é exagero. O cheiro era, de fato, extremamente tóxico; o odor seria suficiente para me matar.

Instintivamente, eu sabia que algumas das coisas pelas quais estava passando naquele momento eram mil vezes piores naquele lugar do que seria possível na face da Terra — coisas como os fedores que mencionei, a força dos demônios, o volume de meus gritos, a sequeidão do lugar e a solidão que eu sentia.

Encontrei forças para me mexer um pouco, arrastando o corpo na direção da porta feita de barras de ferro. Não tinha como enxergar, mas lembrava a direção da porta, que as duas criaturas que entraram depois haviam deixado aberta. Finalmente consegui chegar até a porta e rastejar para fora da cela. Parecia que aqueles monstros estavam permitindo que eu me arrastasse sem me impedir.

Assim que saí da cela, meu primeiro instinto foi o de me afastar tanto quanto fosse possível. Mais uma vez, queria muito encontrar forças para correr. Só conseguia pensar em ficar de pé. No entanto, o esforço que eu fazia para me erguer era grande demais. Lembro-me de pensar: “Por que é tão difícil assim?” Depois de me empenhar muito, consegui ficar de pé. Estava completamente exausto e, ao mesmo tempo, muito frustrado por ver como cada simples movimento havia se tornado tão penoso. Embora estivesse do lado de fora da cela, não tinha como correr, e o medo continuava a me cercar como se fosse uma serpente a mostrar suas presas.

Encontrava-me apavorado quando ouvi os gritos de uma grande multidão chorando em seu tormento. Era um lamento ensurdecedor. Os gritos de terror pareciam vir exatamente na minha direção, penetrando meu ser. Certa vez, ouvi falar de um programa especial na televisão em que um jornalista passara a noite na cadeia só para sentir na pele o que era a vida no presídio. Os prisioneiros choravam, se lamentavam e gritavam a noite inteira. Ele explicou que não conseguia dormir por causa do barulho. Aquele lugar onde eu estava era muito, muito pior.

Em meio ao pânico e àquele barulho ensurdecedor, fiz um grande esforço para colocar meus pensamentos em ordem. “Estou no inferno! É um lugar real, e estou mesmo aqui!” Tentava entender o que estava acontecendo, mas era algo da ordem do inconcebível. “Não eu. Sou uma boa pessoa”, pensei. O medo era tão grande que não conseguia suportá-lo; contudo, tal como antes, a morte não vinha.¹⁵

Eu sabia que a maioria das pessoas na face da Terra não acreditava ou sequer sabia da existência de um mundo sob seus pés. Elas não acreditariam nisso. Mas existia, sim, e tudo era muito real. Aquele lugar era tão aterrorizante, tão opressor e tão hostil que seria impossível para mim exagerar ao narrar o horror que encontrei ali.

Eu não sabia como havia sido levado ao inferno. O fato de que eu *conhecia Deus* foi preservado em minha mente. Isso me foi explicado depois pelo próprio Senhor. Sei que há muitas passagens bíblicas que indicam como Deus, de vez em quando, oculta algumas coisas da mente humana.¹⁶

Assim que me levantei, do lado de fora da cela, senti como eram grandes as trevas. Êxodo 10:21 menciona “trevas tais que poderão ser apalçadas.” Não era como a escuridão na Terra. Certa vez, entrei em uma mina de carvão do Arizona, completamente escura. Não conseguia enxergar nada; ainda assim, seria impossível comparar com as trevas do

O inferno é um lugar de tormento sem fim e de grande tristeza [...] um lugar de trevas impenetráveis [...] um lugar de fogo [...] um lugar de tormento sem fim tanto para o corpo quanto para a alma. O inferno será horrível para todos que estiverem ali, mas algumas pessoas sofrerão mais do que outras.¹⁹

JOHN MAC ARTHUR

inferno.¹⁷ Era como se aquela escuridão tivesse vida própria e um poder que me consumiam.¹⁸ A escuridão não se resumia à ausência de luz; também era possível distinguir uma presença maligna, um sentimento de morte, um mal penetrante.

Olhei para meu lado direito e pude distinguir vagamente algumas chamas a distância. Sua luz parca iluminava o horizonte. Eu sabia que elas vinham de um grande abismo, um inferno ardente gigantesco de mais de 1,5 quilômetro de diâmetro a pouco mais de 15 quilômetros de onde eu me encontrava. Era uma das muitas coisas que eu simplesmente sabia. Meus sentidos estavam mais afiados.²⁰

As chamas eram altas, mas era como se as trevas engolissem a luz.²¹ Mal se podia distinguir o horizonte. A escuridão se assemelhava a um buraco negro. Ouvi dizer que, segundo os cientistas, dentro dos buracos negros do universo a força da gravidade é tanta que impede até a energia da luz de seguir seu curso. Ela não consegue escapar do buraco negro. As trevas no inferno também são assim. É tão escuro que parece impedir a luz de seguir seu curso.

A única área visível era aquela em que as chamas apareciam. O solo era todo de pedra, estéril e desolado. Não havia verde algum, nenhum ser vivo, nem mesmo um pedaço de grama ou uma folha no chão. Tudo não passava de devastação completa.²² Em Ezequiel 26:20, lemos: "... então farei você descer com os que descem à cova [...] Eu a farei habitar embaixo da terra, como em ruínas antigas, com aqueles que descem à cova..." Na terra, até mesmo os desertos abrigam algum tipo de vida que se adapta ao ambiente hostil. Eles possuem sua beleza natural. Mas o lugar que vi era completamente estéril. Não se parecia com um deserto.

Um dos pensamentos mais sofridos que me ocorreu foi quando percebi que poderia nunca mais voltar para minha esposa. Ela não tinha a menor idéia de que eu estava naquele lugar. Nunca mais iria vê-la de novo. Não teria sequer a oportunidade de explicar ou contar a ela a respeito de meu destino. Minha esposa e eu somos muito apegados. Costumava dizer a ela que, se acontecesse alguma tragédia na Terra que nos afastasse, eu daria um jeito de encontrá-la. Não descansaria enquanto não descobrisse seu paradeiro.

Por essa razão, a idéia de nunca mais voltar a vê-la era inconcebível.²³ Percebi que jamais sairia dali. Em Salmo 140:10, está escrito:

“Caíam brasas sobre eles, e sejam lançados ao fogo, em covas das quais *jamaís possam sair*” (grifos do autor). Não poderia sequer contar a ela o que havia acontecido, e esse pensamento, por si, era difícil demais de suportar.

O ar estava saturado de fumaça. Um cheiro ruim, de morte e decadência, espalhava-se pela atmosfera pesada.²⁵ Era como se todo o oxigênio fosse sugado pelas altas chamas que eu vira a distância. A própria respiração era difícil. A falta de oxigênio me obrigava a fazer um grande esforço para respirar. Não havia umidade alguma no ar. A simples tentativa de respirar era, por si, exaustiva.

Uma das piores sensações que tive foi a sede insaciável, uma forte sequidão. Eu estava muito sedento. Minha boca estava seca como se eu tivesse corrido pelo deserto durante vários dias. Não havia água, não havia umidade no ar, tudo era sequidão. Eu ansiava desesperadamente por uma simples gota de água.²⁶ Como o homem atormentado descrito em Lucas 16:23, apenas uma gota de água já me seria de um valor inestimável.

É difícil conceber um mundo sem água. Seria, sem dúvida, um acontecimento terrível. Nenhum de nós consegue imaginar tal nível de sequidão. A água sempre foi muito valiosa e agradável para mim e para minha esposa — e agora, muito mais. A água é uma substância que garante a vida, e no inferno não há nenhuma espécie de vida. Tudo é morte.

Com a mente tomada por completo desespero, vi uma caverna desolada na direção das chamas. Todas as lembranças da vida maravilhosa que eu levava agora pertenciam a outro mundo, eram apenas detalhes do passado. Não havia mais emprego, objetivos, sabedoria, oportunidade de falar com outras pessoas. Não tinha mais problemas a resolver. Não precisava mais dar conselhos, ajudar ou consolar nenhum tipo de sofrimento.

Não havia propósitos. A vida se extinguiu naquele lugar, e meu ser foi tomado por uma sensação de definhamento.²⁷ Depois de ver aquelas criaturas grotescas e deformadas, cheias de escamas, protuberâncias

Trata-se de uma experiência de intensa angústia [...] uma sensação de solidão [...] Há uma certeza de que aquela separação é eterna [...] Por isso, o desespero toma conta da pessoa.²⁴

MILLARD J. ERICKSON

e membros deformados, fedendo a podridão, e sentir aquela atmosfera pesada e cheia de fumaça, desejei ardentemente ter minha vida de volta.

Pensei em minha linda esposa; em seus olhos verdes, graciosos e aconchegantes; em seu amor pela vida; em sua pele clara e tão suave; e

Os perdidos serão castigados com a destruição eterna, separados da presença do Senhor (cf. 2 Tessalonicenses 1:9). Ninguém vive sem Deus [...] Ele nos concede cada respiração. Sua bondade nos envolve [...] Ele faz o sol nascer tanto para os maus quanto para os bons, e envia a chuva para os ímpios, assim como o faz para os justos (cf. Mateus 5:45). Ele concede a beleza de uma noite de verão, o frescor de uma brisa [...] Ele nos deleita com o sabor do pão fresco e crocante, ou com o suco de um pêssego maduro. Talvez você já tenha sentido o êxtase do amor. Todas essas coisas são dons de Deus [...] Todas são bênçãos de Deus [...] Mas no inferno, tudo isso será tirado de você [...] toda a dignidade da qual dispomos atualmente como imagem e semelhança de Deus nos será arrancada [...] Os ímpios arderão no fogo, mas não serão consumidos.²⁸

EDWARD DONNELLY

no imenso amor que ela sentia por mim. Sentia muito sua falta. Pensei em nós dois juntos nos rochedos à beira do oceano, olhando o movimento das ondas, a água clara batendo contra as pedras. Lembrei-me do céu claro, das nuvens brancas, do sol nascendo e do ar fresco. Ansiava por vê-la novamente.

Eu queria conversar e interagir com alguém, mas bater um papo inteligente (nem precisava ser tão inteligente) com um ser humano — agora tão importante — estava fora de cogitação. Tudo isso passava como *flashes* por minha mente. No entanto, alimentar tais lembranças era perda de tempo, e só serviria para me levar a uma decepção mais amarga e à frustração total. Como eu seria capaz de aceitar a realidade que estava diante de mim? Tratava-se de uma situação de sofrimento eterno, de perda, de solidão e de condenação — a existência mais miserável que se pode imaginar.

Meu breve momento de recordações foi desaparecendo, e mais uma vez eu precisava confrontar aquela

terrível situação. Minha fuga mental havia durado apenas alguns segundos. Percebi que aquele horror duraria toda a eternidade, e esse pensamento me levou de volta ao estado de agonia anterior.

Eu não tive sequer a noção de que poderia pedir a ajuda de Deus, pois estava lá como alguém que não conhecia o Senhor. Deus nem mesmo passou pela minha cabeça.²⁹ Uma daquelas criaturas demoníacas me agarrou e me levou de volta para a cela, jogou-me no chão e outra criatura apressou-se em agarrar minha cabeça e começar a apertá-la. Em seguida, os quatro monstros vieram sobre mim, cada um agarrando uma perna ou um braço, como se eu fosse uma presa sem vida.³⁰

Eu estava tão apavorado que não conseguia pensar em palavras para descrever o horror. Eles estavam a ponto de dividir meu corpo quando, de repente, fui tirado da cela e colocado em um lugar próximo ao abismo de fogo que havia visto antes a uma distância maior.

O inferno será uma eternidade
cheia de dor e sofrimento,
um fogo que nunca se extingue,
segundo a Bíblia diz.³¹

FRANKLIN GRAHAM